

Em terra de cangaceiro, a “coragem” de não ser macho: sexualidade em discussão em Serra Talhada – PE

José Ferreira Júnior¹

Janaina Freire dos Santos²

Resumo

Este texto traz à luz os discursos derivados do confronto existente entre sujeitos de Serra Talhada, cidade pernambucana sertaneja, naturalizadores e defensores da heteronormalidade e sujeitos homossexuais pleiteadores do direito de seu modo de ser e de estar no mundo. Expostos são os conflitos derivados desse confronto, bem como as tensões produzidas por eles. Em foco se encontra a primeira parada da diversidade, conhecida localmente por Parada-Gay, bem como suas demais edições, acontecidas no espaço urbano serratalhadense. Utiliza-se metodologia qualitativa, promovendo-se exame de jornais e revistas que cobriram o fato, bem como a análise de conteúdo dos discursos dos sujeitos envolvidos, sejam heteros ou homossexuais. Verificou-se, quando do término desta pesquisa, que não obstante se desvelar para sujeitos homossexuais conquistas, a resistência heteronormativa se mostra acirrada, sendo isso reverberado inclusive em ações legíferas.

Palavras-chave: Serra Talhada. Parada-gay. Homossexualidade. Heteronormatividade.

In the land of cangaceiro, the "courage" of not being male: sexuality in discussion in Serra Talhada – PE

Abstract

This text brings to light the discourses derived from the existing confrontation between subjects of Serra Talhada, a rural town in Pernambuco, naturalizers and defenders of heteronormality and homosexual subjects who plead the right to their way of being and being in the world. Exposed are the conflicts arising from this confrontation, as well as the tensions produced by them. In focus is the first stop of diversity, locally known as Parada-Gay, as well as its other editions, which took place in the urban space of Serratahade. Qualitative methodology is used, promoting the examination of newspapers and magazines that have covered the fact, as well as the content analysis of the speeches of the subjects involved,

¹ Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Endereço Eletrônico: professorferreirajunior@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8352-8828>.

² Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Endereço Eletrônico: janainasantos1981@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2037-7411>.

whether heterosexual or homosexual. It was verified, at the end of this research, that despite unveiling achievements for homosexual subjects, heteronormative resistance is shown to be fierce, and this is reflected including in legal actions.

Keywords: Serra Talhada. Gay- Parade. Homosexuality. Heteronormativity.

Introdução.

Em sociedade, homens e mulheres reproduzem, ressignificam, criam e, também, abandonam práticas. O universo cultural desses atores é o depositário de suas práticas e seu cotidiano o palco das representações delas. É no processo de representação que se revela, dentre outras coisas, o *ethos* que majoritariamente caracteriza tal sociedade. Ou seja, ainda que não generalizada, a prática desse *ethos*, definido como elemento constituinte da identidade de uma sociedade, torna-se efetiva e, não vivenciá-la, implica a possibilidade de expor-se à retaliação.

A sociedade nordestina sertaneja é possuidora de um *ethos* que lhe dá acentuado destaque: a macheza. Cantada por Luís Gonzaga (Xote dos Cabeludos), expoente da música popular brasileira; relatada por Euclides da Cunha (Os Sertões), José Américo de Almeida (A Bagaceira) e Rachel de Queiroz (O Quinze), ícones da literatura brasileira; e, transformada em objeto de pesquisa por muitos, cite-se aqui Durval Muniz Albuquerque Júnior (Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino), a macheza é ainda, em muitos espaços sertanejos, tida quase como um legado, quiçá um estigma (GOFFMAN, 2008).

Em Serra Talhada³ o quadro não se faz diferente. A reivindicação da macheza enquanto elemento componente da identidade cidadina tem sido, nos últimos dias, veementemente reivindicada por significativo número de pessoas. Tal postura reivindicatória decorre do fato de ter havido na cidade uma movimentação liderada por homossexuais locais e apoiada por seus pares de outras cidades pernambucanas e de outros Estados, reivindicando o direito do exercício da sua sexualidade.

A respeito dessa resistência homossexual à imposta heteronormatividade existente, bem como da resistência heteronormativa estabelecida à legítima reivindicação homossexual, tratará este artigo. Buscar-se-á dar vozes aos atores envolvidos na querela social em discussão e mostrar-se-á a tensão que se faz presente no relacionamento travado entre os

³ Cidade situada na mesorregião do Sertão de Pernambuco, microrregião do Pajeú, distante 420 km da capital, Recife;

que, em local dito de machos, corajosamente se dizem não machos e, os que se autointitulam machos.

A “naturalização” da macheza em serra talhada

Serra Talhada é historicamente eivada de acontecimentos onde a demonstração da valentia e a defesa da honra tornam-se práticas recorrentes, consideradas como naturais, como sinônimo de ser homem, de ser macho. Tão forte é esta prática que, ainda que a sua realização signifique o fim de uma vida tranquila, da existência de uma família inteira, ou mesmo o início de uma rixa que pode vir a durar décadas, como no caso da rivalidade familiar entre Pereiras e Carvalhos, ela é reivindicada e, em não poucas situações, instigada por mulheres (WILSON, 1974).

Ainda que haja polifonia discursiva acerca do que vem a ser macho nos sertões nordestinos - visto que de acordo com Ferreira Júnior (2010), é dito ser macho aquele que cumpre com a palavra dada, o que cumpre com os compromissos assumidos, o que constitui uma prole significativa, o que resolve as diferenças de maneira violenta, o que se mostra ativo na prática sexual e aquele que empreende dominação sobre a mulher companheira - a valentia é, pode-se dizer, seu sinônimo mais recorrente, uma vez que, “ser cabra macho requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 4).

Justaposta à valentia, enquanto sinônimo de macheza, aparece a violência e, tal prática, mesmo que hedionda, torna-se elogiável, ou seja, atitudes tão violentas e extremadas quanto às praticadas por bandidos, podem vir a serem elogiadas se praticadas e legitimadas pelo código de moralidade que perpassa significativamente a sociedade em questão. Isto visto, “um ato encarado como de valentia e de bravura não fica muito distante de um ato criminoso” e, assim, “as fronteiras entre a ordem e a desordem aparecem como muito tênues” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit. p. 4).

Contemporaneamente ainda se verifica esse ethos na sociedade serratalhadense. Mesmo que o Estado aja contundentemente reprimindo a violência, esta, enquanto demonstração da macheza tem sido algo recorrente. Não são poucos os exemplos de crimes

bárbaros que, quando examinada a causa, encontra-se a “defesa da honra” e ou “o ser macho” como elementos justificadores da ação.

Desse modo, em Serra Talhada, verifica-se ser a macheza um valor social, um capital simbólico (BOURDIEU, 2007) usufruído por quem já provou ser macho e, por outro lado, por quem ainda não é reconhecido como tal, um ideal a ser conquistado, um objetivo a ser atingido, um caminho a ser percorrido.

A macheza afrontada pela reivindicação do direito de não ser macho

Durante significativo espaço de tempo, Serra Talhada figurou entre as dez mais violentas cidades de Pernambuco, sendo, por algum tempo, líder nesta lista nefasta. A identificação com Lampião, contrerrâneo famoso, tornou-se elemento do qual lançavam mão para justificarem a violência que protagonizavam, os atores sociais envolvidos na sua prática.

Nos dias atuais, a cidade não mais se encontra elencada no ranking das dez mais violentas e, também não se verifica no cotidiano citadino, salvo exceções isoladas, celebração à contrerraneidade lampiônica, mas, ao contrário, uma espécie de ojeriza em lançar mão desse capital simbólico. Ou seja, o lançar mão da identificação com Lampião somente é feita coletivamente, quando se quer dar visibilidade à cidade; individualmente, todavia, o identificar-se com o cangaceiro, experimenta maciça recusa. Das muitas falas sobre essa recusa, veja-se a de Dierson Ribeiro, professor da rede estadual de ensino:

Eu gostaria que Serra Talhada fosse conhecida como terra de poetas. Serra Talhada é a cidade que mais produz literatura em Pernambuco. Foi a cidade que a União Brasileira de Escritores, UBE, instalou seu primeiro núcleo no interior [...] Aqui, eu costumo dizer que todo mundo é poeta. Então, eu gostaria que Serra Talhada fosse conhecida, lá fora, por essas coisas. Pela capacidade do seu povo, de criar, de escrever poesia, de fazer música, de fazer teatro e não pela forma como sempre ela é conhecida, como a terra de Lampião. (FERREIRA JÚNIOR, 2010, p. 85).

A aceitação e a negação dessa identidade lampiônica pode ser entendida como sendo uma ação social do tipo racional com relação a um objetivo (WEBER, 2002) e, também, “uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Hodiernamente, todavia, ecoaram vozes na cidade favoráveis à identificação com Lampião e, conseqüentemente com a macheza a que a imagem do cangaceiro remete. A que se deve esse reaver de identidade, presente em significativa gama de serratalhadenses? De onde se deriva a (re)afirmação acintosa de Serra Talhada ser a terra de Lampião? Por que a insistência em se (re)dizer conterrâneo do cangaceiro famoso? Uma única resposta parece justificar as três perguntas: as paradas gay ocorrida na cidade, sendo a primeira nos dias 02 e 03 de outubro de 2009, havendo outras seis edições sucessivas.

A parada gay, em Serra Talhada

De repercussão nacional, com intensa cobertura midiática – tendo matéria exibida no Fantástico, programa dominical da Rede Globo de Televisão - a parada gay de Serra Talhada foi o primeiro acontecimento desse tipo ocorrido fora dos grandes centros brasileiros. O evento, que contou com o abre-alas “canga-gay”⁴, reuniu, de acordo com dados da Polícia Militar, cerca de 15 mil pessoas e, no centro da cidade, viabilizou aos participantes a exteriorização de sua homossexualidade, algo inédito, até então.

Figura 1. Componentes do Canga-Gay, Serra Talhada - PE



Fonte 1 ISTO É Independente

⁴ Espécie de bloco carnavalesco, cujos componentes utilizam o que é tido como indumentária, acessórios e armaria cangaceira em cor de rosa, significando a junção de um elemento cultural da cidade e da orientação sexual de sujeitos locais;

Diante das controvérsias envolvendo o direito dos homossexuais em expressar o seu modo de ser e o suposto direito de grande gama de serra-talhadenses em não admitir tal expressão, vem à tona o seguinte questionamento: o que justificaria a alusão feita à macheza cangaceira, mais especificamente lampiônica, enquanto elemento viabilizador de rechaço à manifestação homossexual, em Serra Talhada?

Para se responder esta pergunta, é necessário lançar mão de outro elemento que compõe o perfil do ser macho nos sertões nordestinos: o ser ativo sexualmente. Ou seja, ser macho no sertão nordestino é possuir o monopólio de penetrar o outro na relação sexual. Não se deve esquecer, contudo, que tal constructo não é algo exclusivo da sociedade em questão, mas do Ocidente como um todo:

Uma das principais definições da masculinidade na cultura Ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/ou outra/o [...] homem é aquele que “come”, ou seja, que penetra com seu sexo não apenas mulheres, mas também outros homens, feminilizados na categoria “bichas” (GROSSI, 2001, p. 6).

Desse modo, parece se tornar explicado a repulsa de significativo número de serratalhadense ao evento realizado pelos homossexuais. Trata-se de uma reação homofóbica ligada ao fato de se verificar maculação da macheza, enquanto símbolo local. Ou seja, na concepção desses serratalhadenses, apoiar tal evento seria concordar com a safadeza, com a pouca vergonha e com a imoralidade, palavras que são usadas como sinônimo para homossexualidade, como se verifica nas palavras de José Pereira, vereador local: “Se eu pudesse, proibia a Parada Gay. É viado beijando viado, um mau exemplo para as crianças” (FILHO, 2009).

O comportamento homofóbico nem sempre se revelou discursivamente explícito. Veio à tona travestido de “zelo cultural” e, por conseguinte, não evidencia a macheza na fala. Quando examinado, todavia, em nada diverge dos discursos mais agressivos. A linguagem amaciada, porém homofóbica, pode ser vista na fala de Anildomá Willans de Souza, produtor cultural local e presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião: “A falta de respeito aos símbolos de nossa cultura é um estelionato. É uma coisa sem sentido, que pode ser comparado a vestir de cor de rosa o padre Cícero em Juazeiro do Norte, ou o Cristo Redentor no Rio de Janeiro” (LINS, 2009).

O suposto zelo do produtor cultural citado parece ruir por terra quando, na mesma entrevista, reporta-se sobre a possível homossexualidade de um dos membros do bando de Lampião, o cangaceiro Sabonete, que foi tomado, pelos organizadores da parada gay serra-talhadense como uma espécie de bandeira. Sobre isto, falou Anildomá Willans de Souza:

A cangaceira Dadá, que morreu em 1994, disse em entrevista que só soube da existência desse negócio de homem com homem quando foi morar em Salvador. Candeeiro também disse que nunca ouviu falar nesse negócio de homem com homem no bando, e Volta Seca, ainda preso, nos anos 1960, afirmou que só soube da existência do homossexualismo quando chegou à penitenciária. Antes, nunca tinha visto falar em homem fazendo sexo com homem (Idem).

Verifica-se na fala do produtor cultural ênfase significativa à macheza cangaceira. Preocupa-se em excluir qualquer possibilidade de maculação do ser macho, enquanto elemento perpassador do ser cangaceiro. Para isso lança mão de depoimentos de ex-cangaceiros sem que haja preocupação em atrelá-los aos contextos nos quais foram enunciados.

Também se verifica aversão ao movimento realizado pelos homossexuais serra-talhadenses nas palavras de Francisco Pinheiro de Barros, funcionários públicos e um dos descendentes de Zé Saturnino, que tradicionalmente é considerado o inimigo número um de Lampião, ainda que exista um quê de preocupação com a ética sendo tônica de seu discurso: “apesar das desavenças do passado, a posição da família hoje é que Lampião é história. O que estão fazendo é uma usurpação da imagem do cangaceiro. Família nenhuma iria gostar de ser ridicularizada desse jeito” (LINS, 2009).

Embora tenha acontecido, a parada gay não foi perpassada pela liberdade de expressão, como se preconiza na Constituição Federal. Houve, para sua efetiva realização, todo um alinhavado feito, envolvendo a organização do evento e as autoridades judiciária e eclesiástica católica, conforme se verifica no depoimento abaixo:

Para realizar o evento sem maiores problemas, os organizadores tiveram de fazer concessões. Acordaram em não permitir beijos de casais homoafetivos em cima do trio elétrico e de não passar na frente da Igreja Católica, que fica em frente à Praça Sérgio Magalhães, onde foi montado um palco para o desfecho do desfile. (MOURA, 2009).

Observa-se, dessa forma, uma espécie de conquista de direitos relativa. O que pensavam as autoridades sobre o não passar em frente da Igreja Católica? Não estaria tal precaução ligada à laicidade que caracteriza o Estado brasileiro? Não é necessário que se faça

muito esforço para que se obtenha a compreensão dessa ação: ser homossexual é ser pecador e, conseqüentemente, reprovado por Deus. Igualmente, a que se atrelaria a proibição de beijos entre pessoas do mesmo sexo, em cima do trio elétrico, senão à tentativa de primar pelos tradicionalmente considerados bons costumes, que, dentre outras coisas, preconizam a heterossexualidade como conduta correta, fato que atropela a questão de gênero, visto que este “nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso a uma ordem dominante de prescrições” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 26).

Constata-se, nesse afrontar da macheza em Serra Talhada, uma espécie de acordo tácito entre os afrontadores e os afrontados. Desse modo, ainda que à luz da lei, encontrem-se em mesmo patamar de igualdade macheza e não macheza e que, constitua-se crime desqualificar ou discriminar àquela, em Serra Talhada prevalece o discurso da macheza, ainda que não oficialmente se divulgue, como ocorre em outros espaços.

Efeitos angariados pela coragem de se dizer não ser macho

Realizados os eventos, o que se pensa ser necessário trazer à discussão diz respeito ao que se conquistou pelos homossexuais serratalhadenses, bem como a reação existente por parte dos sujeitos que se manifestaram resistentemente à ação homossexual. Para se analisar o que se considera conquista pelo lado dos homossexuais, foi feita entrevista com um dos principais líderes do movimento ocorrido em Serra Talhada, Carlos Higino, popularmente conhecido como Bofe Pantera.

Perguntado acerca das reais conquistas verificadas pós-parada, o informante respondeu:

[...] nessa última agora [segunda parada], o comércio deu patrocínio, ajudou... Houve mais um respeito em entender que a festa da gente é mais como se fosse marcando um “dia D”. Reivindicações a direitos e fazer um carisma humano em tentar tirar de dentro de casa aquelas pessoas que não aceitam os homossexuais sair, se vestir, se montar se maquiagem e desfilar.

Há, por parte das lideranças homossexuais serra-talhadenses a consciência de que o movimento empreendido é encimado em algo previamente definido, não se tratando de uma movimentação desprovida de racionalidade. Ou seja, Carlos Higino deixa claro que a intencionalidade homossexual é, além de usufruir o que lhe é constitucionalmente garantido – direito de expressar-se holisticamente -, também exteriorizar cidadania no que se refere a um fazer social previamente definido (WEBER, 2002). Veja-se o dito pelo informante

acerca da concepção dos promotores no referente ao movimento em contraposição ao discurso que se construiu no cotidiano, proveniente de quem lhes opunham resistência:

Acho que eles acham que é um dia de carnaval pra gente, um carnaval fora de época. Mas nós já estamos aí conseguindo terminar uma ONG, angariar fundos, fazer Natal sem Fome, trabalhar na Casa do Idoso. Porque você sabe que a maioria dos homossexuais as profissões são cozinheiro, cabeleireiro etc. Então, cabeleireiro fazer uma mobilização tirar um dia para cortar cabelo do idoso, ir na casa do que não pode andar porque hoje é deficiente físico, ir na APAE. Onde a sociedade, “as pessoas normais”, homens e mulheres, não se ocupa a ir. E nós, os gays, queremos mostrar que também somos pessoas capazes, preocupados com a sociedade e não só no vandalismo, “tá” de roupas curtas, roupas afetadas, se beijando, subindo e descendo ou como dizem “que muitos usam drogas”, mas a droga não é o gay que trouxe, que faz e que manda. [...] E nós estamos trabalhando para que no próximo ano, no evento, a gente possa entrar com uma grande carreata, bem trabalhado contra a juventude hoje, a sociedade e a pedofilia, que tá demais; contra o alcoolismo, que tá demais, o crack que tá demais. E a gente vê esses jovens de amanhã se acabando antes de saber o que é o começo de uma juventude.

Ademais, também é considerada conquista pela liderança do movimento o fato de pós-parada, ter havido manifestações de pessoas que, mesmo optando por não revelar publicamente sua homossexualidade, assumiram, ante a comunidade homossexual local, sua identidade homossexual. Sobre tais pessoas, diz Carlos Higino:

Assumiram sim, mas não se vulgarizando “sou sim” e gritando com uma faixa. São mais abertas, aceita que a gente diga “ô gay”... O diálogo da gente é “ô bem, “ô gay”... etc.” Já aceita que a gente diga “nós do meio”. E diz assim “tu sabe, minha família ainda não sabe é um choque”, [...] “particularmente a gente vai em oculto ajudar vocês, dando os tópicos por telefone, alguma coisa... O que precisar...”. Que não se manifestava em ajudar a nada! Hoje já mora aqui homossexuais e transexuais, já tá morando em Serra, depois dessa parada. Hoje já anda travestis em Serra Talhada, que não andava. Então isso aí teve uma evolução. Anda normal e as mulheres arrumam cabelos com eles, no salão que botaram aí, perto da Câmara. Andam de cabelo grande de seios e tudo e elas tratam normal, que é as pessoas melhores do mundo.

Nada obstante se verificar reais conquistas por parte dos homossexuais serratalhenses, percebe-se ainda significativa a resistência que lhes impõem os sujeitos portadores da identidade heterossexual na cidade. Talvez a mais significativa e sutil tenha sido a protagonizada pela Poder Legislativo Municipal. Ali, o vereador petista, José pereira, totalmente contrário à parada, conforme já se mostrou neste trabalho, talvez querendo amaciar o seu discurso explicitamente homofóbico, faz uso de outro que se traveste de “preocupação” com a cultura local. Disso fala Lins (2009): “A passeata foi um movimento legítimo, mas

fiquei surpreso com a má utilização da imagem do cangaço e de Lampião. O que estão fazendo é um constrangimento para a história de Serra Talhada. Se Lampião fosse vivo, não deixaria isso acontecer”.

Deixando mais explícita sua postura recalcitrante ao quesito tolerância, José Pereira leva aos seus pares do Legislativo projeto de lei que faz das vestimentas e acessórios tidos como usados pelos cangaceiros patrimônio cultural e histórico de Serra Talhada e, torna crime contra o patrimônio público seu uso de forma pejorativa, que vise a denegrir ou ridicularizar os elementos culturais e históricos do cangaço, como afirma terem feito os membros do Canga-Gay.

A intenção do vereador petista se transforma na Lei nº 1249 de 30 de novembro de 2009. Do projeto original foi retirado, por questão de competência jurídica, o ser crime o uso das vestimentas e acessórios cangaceiros, ficando sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal e da Fundação Casa da Cultura o fiscalizar seu cumprimento.

Desse modo, as roupas cor de rosa usadas pelos membros do Canga-Gay, que faziam alusão às vestimentas cangaceiras, ficam terminantemente proibidas. Essa atitude do vereador petista, ainda que anunciada como sendo algo que seja derivado de alguém que se preocupa com o patrimônio cultural da cidade é, pelas lideranças homossexuais serra-talhadenses, percebida como mera retaliação. Veja-se novamente Carlos Higino:

Aí, um vereador, Zé Pereira, de Serra Talhada, como ele é do movimento petista, e os demais petistas que defendem a história do cangaço, criou uma lei para que não usasse mais nada que fosse do canga-gay, em eventos de gay, nem tão pouco nós usar a roupa rosa, que “butaram” a roupa rosa. Mas olha, em São Paulo, Rio de Janeiro fizeram, um dia, uma história sobre o Nordeste, e saiu todo mundo com as roupas rosa, brilhosa, mas lá ninguém mexeu na história. Acharam que quem mexeu foi nós por ser gay, onde no Recife, em vários carnavais, vestem Lampião e Maria Bonita de Rosa. Ninguém diz nada, mas quando foi os gays em Serra Talhada, tava dizendo “Lampião era gay e acabar a história”. (Negritos são nossos).

O conteúdo do discurso do líder homossexual reforça o que se mostrou no transcurso desse texto: a afronta feita à macheza serratalhadense recebeu, por parte dos que se dizem machos, significativa resistência. Isso se evidencia quando Carlos Higino cita fatos semelhantes ao protagonizado pelos homossexuais serratalhadenses, ocorridos em outros espaços e que não receberam contestação, como ocorreu em Serra Talhada.

Não se diga, todavia, que a resistência heterossexual em Serra Talhada tenha ocorrido usando-se a macheza como um fim em si mesma. Ou seja, embora os discursos dos

ditos machos remetam-se à macheza, convém atentar a quais finalidades se prestam, que interesses escondem.

Considerações finais

Verificada a tensão existente entre os que se dizem machos e os que, corajosamente, dizem-se não machos no espaço serratalhadense, acredita-se, ainda que retaliações tenham concretamente se consecutado, que se anunciam dias melhores para os sujeitos homossexuais.

Desse modo, buscando o usufruto dos direitos que lhes são garantidos constitucionalmente, os atores homossexuais serratalhadenses, a partir do evento que protagonizaram, trouxeram à luz seus intentos e, por conseguinte passaram a vir a gozar de visibilidade coletiva.

Cientes de que somente empreenderam início a uma longa caminhada, os gays serratalhadenses mostram-se dispostos à continuidade de organização de eventos onde possam se expressar. Agora, contando com apoio de parte dos que compõem a intelectualidade local e com o fortalecimento de suas fileiras por parte dos que, ainda que na clandestinidade, dizem-se homossexuais, os não machos de Serra Talhada dizem-se dispostos a afrontar os que se dizem arautos da macheza local.

Referências

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **“Quem é frouxo não se mete”**: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Universidade Federal do rio Grande do Norte. 2006.. Disponível em www.cchla.ufrn.br/ppgh/.../durval/artigos/.../frouxo_nao_se_mete.pdf Acesso em 10/08/2021.

_____. **Nordestino**: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste, 1920/1940). Maceió. Edições Catavento. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2007.

FERREIRA JÚNIOR, J. **A apropriação da memória lampiônica como elemento de construção da identidade de Serra Talhada – PE**. Dissertação de Mestrado – UFCG/PPGCS. Campina Grande. 2010.

_____ **O ser macho na sociedade sertaneja.** Faculdade de Integração do Sertão. Serra Talhada. 2010.

FILHO, Francisco A. **Os gays do cangaço:** com espingardas falsas, maquiagem e muita purpurina, o Cangagay enfrenta resistência na cidade natal de Lampião. In: ISTO É INDEPENDENTE. Disponível em <http://www.istoe.com.br> Acesso em 09/08/2021.

GROSSI, Miriam P. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em primeira mão.** Universidade Federal de Santa Catarina. 2004. Disponível em www.antropologia.ufsc.br Acesso em 11/08/2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro. LTC. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

LINS, Letícia. **O bando de cangaceiros cor-de-rosa.** In: O GLOBO. 01/11/2009. Disponível em <http://www.agenciaaids.com.br> Acesso em 10/08/2021.

MOURA, Aline. **Canga-gay reúne cinco mil pessoas.** In: PERNAMBUCO. COM. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br> Acesso em 10/08/2021.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** São Paulo. Imprensa Oficial. 2002.

WILSON, Luis. **Vila Bela, os Pereiras e outras histórias.** Recife. EDUFPE. 1974.